

# LIMITES E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DO *CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES* DE SAMUEL HUNTINGTON: um estudo exploratório para a contemporaneidade da geopolítica mundial

Rafael Vicente Katsumi Kudo<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem como propósito analisar e problematizar a teoria do *Choque de Civilizações* de Samuel Huntington no contexto da geopolítica contemporânea, buscando testar sua validade ou invalidez interpretativa. Serão apurados dois conflitos específicos, tratando das causas e motivações que levaram essas guerras e a partir disso, manifesta-se a questão: os argumentos de Huntington quanto ao do *Choque de Civilizações*, foram efetivos ou não? O primeiro conflito é entre Israel e Palestina, sendo este, paralelamente associado às ideias de Huntington a respeito das Guerras de Linha de Fratura. O segundo conflito a ser exposto é aquele entre Estados Unidos e Iraque, exercendo uma análise comparativa das menções de Huntington acerca das civilizações do Ocidente e do Islã. O trabalho também faz uma abordagem agrupando e contrapondo autores e comentaristas da política internacional que problematizam as ideias de Huntington, ora validando suas premissas, ora invalidando as mesmas.

**Palavras-chave:** ocidente; análise; contemporânea; conflitos; geopolítica.

## Abstract

This article aims to analyze and problematize Samuel Huntington's theory of the Clash of Civilizations in the context of contemporary geopolitics, seeking to test its interpretative validity or invalidity. Two specific conflicts will be investigated, dealing with the causes and motivations that led to these wars and, from this, the question arises: were Huntington's arguments regarding the Clash of Civilizations effective or not? The first conflict is between Israel and Palestine, which is in parallel associated with Huntington's ideas about the Fault Line Wars. The second conflict to be exposed is that between the United States and Iraq, exercising a comparative analysis of Huntington's mentions of Western civilizations and Islam. The work also approaches grouping and opposing authors and commentators of international politics who problematize Huntington's ideas, sometimes validating his premises, sometimes invalidating them.

**Key words:** western; analyses; contemporary; conflicts; geopolitics.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica, sob a orientação do Prof. Me. Renzo Nery.

## Introdução

O artigo *Choque de Civilizações?*<sup>2</sup> foi publicado em 1993 pela revista *Foreign Affairs*, considerada uma das revistas de política externa mais influentes dos EUA. O artigo de Huntington foi um dos que mais provocaram respostas na história da revista. Huntington posteriormente expandiu sua tese num livro de 1996 chamado *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*<sup>3</sup> ou, em português, *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*<sup>4</sup>. A tese central de Huntington trata a ideia de que, no mundo pós-Guerra Fria, a principal fonte de conflito entre Estados se dará na esfera cultural, a que o autor chama de “civilizacional” e não na ideológica ou econômica, conforme observado na Primeira e Segunda Guerras Mundiais e/ou na Guerra Fria. Segundo o autor estadunidense, “os Estados-nações continuarão a ser os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre países e grupos de diferentes civilizações” (HUNTINGTON, 1993, p.22). Ou seja, a passagem do século XX para o XXI seria marcada por um comportamento global no qual “civilizações” entrariam em “choque” por questões ligadas à similaridade ou dissimilaridade cultural, sendo estas marcadas pelo o que o autor define como “falhas geológicas” entre os entes estatais da política internacional.

Nesse sentido, os países que possuem valores culturais semelhantes tenderiam a associar-se uns aos outros e a cooperar na arena internacional. Já os países culturalmente diversos, mesmo que unidos por uma ideologia, se distanciariam.

Huntington faz a seguinte afirmação a respeito de como os povos e as nações buscam alguma identidade:

Os povos e as nações estão tentando responder à pergunta mais elementar que os seres humanos podem encarar: quem somos nós? E estão respondendo a essa pergunta da maneira pela qual tradicionalmente a responderam – fazendo referência às coisas que mais lhes importam. As pessoas se definem em termos de antepassados, religião, idioma, história, valores, costumes e instituições. Elas se identificam com grupos culturais: tribos, grupos étnicos, comunidades religiosas, nações e, em nível mais amplo, civilizações. As pessoas utilizam a política não só para servir aos seus interesses, mas também para definir suas identidades. Nós só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos. (HUNTINGTON, 1997, p. 20).

---

<sup>2</sup> Uma versão original do artigo pode ser acessada. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/usa/1993-06-01/clash-civilizations>. Acessado em: 01/12/21

<sup>3</sup> Contamos com a seguinte versão estadunidense: *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, doravante *TCC*.

<sup>4</sup> Contamos com a seguinte versão português: *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*, doravante *OCC*.

Os Estados-nações continuam como os principais atores da geopolítica mundial. A busca por poder e riquezas, se olharmos para o passado, é um comportamento que os Estados sempre tiveram. Huntington destaca esse comportamento dos Estados e acrescenta dizendo que no mundo pós-Guerra Fria essas relações serão influenciadas pelo viés da cultura, em detrimento do ideológico. Nesse contexto, os Estados mais poderosos não são mais a União Soviética e os Estados Unidos como era na Guerra-Fria, e sim as sete ou oito principais civilizações do mundo, conforme citadas pelo autor. As sociedades não-ocidentais desenvolveram uma riqueza econômica suficientemente apta a garantir suas independências políticas e criaram bases para um poder de influência – regional e, alguns casos, global – tanto na área militar quanto na área política do mundo. Esse aumento de poder e autoconfiança das sociedades não-ocidentais, em especial os países da região da Ásia Oriental, mas não somente, fez com que cada vez mais esses afirmassem seus próprios valores culturais e repudiassem aqueles impostos pelo Ocidente.

Se tratando das civilizações citadas por Huntington, nós temos as seguintes: sínica<sup>5</sup>, japonesa<sup>6</sup>, hindu<sup>7</sup>, islâmica<sup>8</sup>, ocidental<sup>9</sup>, latino-americana<sup>10</sup>, ortodoxa<sup>11</sup> e africana<sup>12</sup>. Huntington exemplifica as definições do termo “Civilização” e “Cultura” citando diferentes autores em sua obra, tais como, Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein, Christopher Dawson, Emile Durkheim, Mauss e Oswald Spengler.

Civilização e cultura se referem, ambas, ao estilo geral de um povo, e civilização é uma cultura em escrita maior. As duas envolvem “Os valores, as normas, as instituições, e os modos de pensar aos quais sucessivas gerações numa determinada sociedade atribuíram uma importância fundamental.” Para Braudel, uma civilização é um espaço, uma ‘área cultural’, (...) uma coletânea de características e fenômenos

---

<sup>5</sup> Surge no período de 1500 a.C. ou mil anos antes disso. O termo “sínica” descreve a cultura comum da China e das comunidades chinesas do Sudeste asiático e em outros lugares fora da China, como o Vietnã e a Coreia (HUNTINGTON, 1997).

<sup>6</sup> Uma civilização distinta que foi fruto da civilização chinesa emergindo no período entre 100 e 400 d.C. (HUNTINGTON, 1997).

<sup>7</sup> Cultura que emerge em torno de 1500 a.C. Assim como a sínica, o termo “hindu” separa o nome da civilização do seu Estado-Núcleo, de modo que a cultura da civilização se estende para além do Estado (HUNTINGTON, 1997).

<sup>8</sup> Origina-se na península Arábica no século VII d.C., o islã se espalhou rapidamente no Norte da África e da Península Ibérica, bem como na Ásia Central, Subcontinente e Sudeste Asiático (HUNTINGTON, 1997).

<sup>9</sup> Nasce entre 700 e 800 d.C. engloba América do Norte Europa e América Latina (HUNTINGTON, 1997).

<sup>10</sup> Região evoluiu de forma distinta da Europa e da América do Norte, apresenta elementos indígenas (HUNTINGTON, 1997).

<sup>11</sup> Distinta do Cristianismo ocidental e centrada na Rússia, resultado da ascendência Bizantina (HUNTINGTON, 1997).

<sup>12</sup> Composta de várias identidades tribais, com fortes traços do colonialismo Cristão (HUNTINGTON, 1997).

culturais. Wallerstein a define como uma “concatenação especial de visão de mundo, de costumes, de estrutura e de cultura (tanto a cultura material quanto a alta cultura), que forma alguma espécie de totalidade histórica e que coexiste (ainda que nem sempre de forma simultânea) com outras variedades desse fenômeno.” Segundo Dawson uma civilização é o produto de “um processo especialmente original de criatividade cultural que é o trabalho de um povo em particular”, enquanto que para Durkheim e Mauss ela é “uma espécie de ambiente moral que abrange um certo número de nações, sendo cada cultura nacional apenas uma forma especial do todo.” Para Spengler uma civilização é “o destino inevitável da cultura (...) os estados mais exteriores e artificiais dos quais é capaz de uma espécie de humanidade desenvolvida (...) uma conclusão, a coisa-que-é se sucedendo à coisa-que-está-sendo”. A cultura é o tema comum em praticamente todas as definições de civilização. (HUNTINGTON, 1997, p. 46).

Busca-se aqui, portanto, analisar e problematizar a teoria de Huntington, testando tanto a sua validade quanto a sua invalidade interpretativa, ou seja, suas pertinências e limites para explicar dois específicos conflitos que apresentam características de conflitos civilizacionais, a dizer, o conflito entre Israel e a Palestina (Guerras de Linha de Fratura), e entre os Estados Unidos e o Iraque (O Ocidente e o Islã). Para tanto, as principais causas dos conflitos pós-Guerra-Fria são investigadas, tendo como prisma de análise a cultura para a compreensão das tensões geopolíticas hodiernas entre países (ou, segundo o autor, entre civilizações).

O presente levantamento de algumas das zonas de maior tensão no cenário geopolítico mundial é utilizado como “estudo de caso” a partir do qual se propõe explicações para fontes de conflitos que potencialmente surgirão num futuro próximo. As civilizações citadas por Huntington<sup>13</sup> também são abordadas, com foco especial nas civilizações ocidental e islâmica.

Uma vez que a proposta investigativa propõe um esboço para o “estado da arte” do pensamento de Huntington, faz-se necessário agrupar e contrapor autores e comentaristas da política internacional que problematizam o pensamento do autor, ora validando suas premissas, ora invalidando as mesmas. O objetivo metodológico-investigativo dessa estratégia é oferecer ao próprio estudo os elementos necessários para uma avaliação isenta e não comprometida necessariamente com a validação das premissas de Huntington.

### **Samuel Huntington: uma breve biografia**

Samuel P. Huntington nasceu em Nova York, em abril de 1927. Filho de pai jornalista, mãe escritora e avô materno editor, Huntington foi inspirado pela família a dar continuidade à

---

<sup>13</sup> Para a explicação mais ampla acerca das subdivisões culturais propostas pelo autor, ver pág. 50-54 *OCC*.

tradição literária. Escrevendo um total de 17 obras e mais de 90 artigos científicos sobre política americana, democratização, política militar, estratégia, entre outros assuntos.

Ele estudou na Stuyvesant High School, em Nova York, depois formou-se na Universidade de Yale, em 1946. Serviu no exército dos EUA por um curto período antes de dar continuidade aos estudos, obtendo seu mestrado pela Universidade de Chicago em 1948 e mais tarde cursando na Universidade de Harvard, onde concluiu seu doutorado em ciência política em 1951.

Após concluir o doutorado, Huntington lecionou na Universidade de Harvard no período de 1951 a 1958. Foi nomeado diretor associado do Instituto de Estudos de Guerra e Paz da Universidade de Columbia em 1959, onde permaneceu até 1962.

Em 1962, retornou à Universidade de Harvard e lecionou por muitos anos, antes de se aposentar por problemas de saúde em 2007. Lá, o estrategista internacional também serviu por dois mandatos como Presidente do Departamento de Governo da instituição (1967-1969; 1970-1971).

Além da carreira acadêmica, Huntington também atuou como consultor de política externa na campanha de Hubert H. Humphrey para presidente em 1968 e serviu na Administração Carter na equipe do Conselho de Segurança Nacional como Coordenador de Planejamento de Segurança em 1977–78. Foi diretor do *Harvard Center for International Affairs* por 12 anos, de 1978 a 1989. Foi presidente da Associação Americana de Ciência Política em 1986–87. O autor estadunidense também atuou como presidente da Academia de Harvard de Estudos Internacionais e de Área de 1996 a 2004.

As suas principais obras são as seguintes: *O soldado e o Estado: a teoria e a política das relações civis e militares* (1957), *Ordem Política nas Sociedades em Mudança* (1968), *A Terceira Onda: Democratização no Final do Século XX* (1991). O grande destaque de sua carreira veio com a publicação do artigo *O Choque de Civilizações?* (1993), posteriormente expandido em forma de livro e (re)intitulado *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Nova Ordem Mundial* (1996), cujos argumentos norteiam a presente pesquisa. Sua última obra, publicada em 2004, levou o título de *Quem somos? Os Desafios à Identidade Nacional da América*.

Samuel Huntington foi casado com Nancy Arkelyan Huntington, ele tinha dois filhos e quatro netos quando faleceu por insuficiência cardíaca congestiva no dia 24 de dezembro de 2008, aos 81 anos, em Martha's Vineyard (Massachusetts, EUA).

## A tese do “choque de civilizações” de Huntington: um panorama

Huntington inicia seu artigo expondo a ideia do que o “choque de civilizações” marcaria a “nova fase” da política mundial no contexto pós-Guerra-Fria: “[a] ideia que proponho é que a fonte fundamental de conflitos neste novo mundo não será de natureza principalmente ideológica, nem econômica. As grandes divisões entre a humanidade e a fonte predominante de conflito serão culturais” (HUNTINGTON, 1993, p.22).

Os conceitos de “cultura” e “civilização” em Huntington aparecem articulados, ou transformados, pelo fenômeno da globalização<sup>14</sup>, que “encurtou” as distâncias entre as pessoas, Estados, empresas, organismos internacionais e, no limite, entre “culturas”, ou seja, as interações entre povos de diferentes civilizações, conforme aumentam, reforçam junto à opinião pública doméstica e internacional, concomitantemente, a “consciência” acerca não apenas da existência dessas “civilizações”, mas das diferenças e semelhanças entre as mesmas. Argumenta o autor estadunidense:

Primeiro, as diferenças entre as civilizações não são somente reais; elas são básicas. Civilizações são diferenciadas pela língua, cultura, tradição e, mais importante, religião. As pessoas de diferentes civilizações possuem visões distintas nos relacionamentos entre Deus e o homem, o individual e o coletivo, o cidadão e o Estado, pais e filhos, marido e mulher, e também visões diferentes relativas à importância dos direitos e responsabilidades, liberdade e autoridade, igualdade e hierarquia. Essas diferenças são resultadas de séculos. Elas não vão simplesmente desaparecer. Elas são muito mais fundamentais do que as ideologias e os regimes políticos. (HUNTINGTON, 1993, p.25).

O autor destaca que a nova política mundial seria, portanto, multipolar e multicivilizacional. Um aspecto merece especial destaque: embora os processos de modernização econômica e política sejam inerentes ao espraiamento da globalização e tenda a abarcar o mundo como um todo, não seria possível identificar nesse processo a constituição de uma “civilização universal”. Isso se daria pelo fato de que Huntington diferencia o termo “modernização” de “ocidentalização”. Para o autor, modernização não implica em ocidentalização, muito pelo contrário: a modernização das estruturas políticas e econômicas

---

<sup>14</sup> Utiliza-se aqui o conceito de globalização presente do livro *Teoria das Relações Internacionais*, de Gilberto Sarfati, segundo o qual a globalização seria um “processo no qual as tradicionais barreiras entre Estados caem, fruto do avanço tecnológico, que possibilita intensa troca de informações entre as pessoas no mundo. Esse fenômeno é observado virtualmente em todos os aspectos das relações humanas, incluindo não somente a economia, como também a cultura, o meio ambiente, a educação, a imprensa etc.” (SARFATI, 2005, p. 368).

aparecem como os únicos caminhos estruturais oferecidos pela globalização como forma de preservação dos elementos culturais de uma civilização.

As pessoas definem sua identidade pelo que não são. À medida que uma maior intensificação das comunicações, do comércio exterior e das viagens internacionais multiplicam as interações entre as civilizações, as pessoas atribuem uma importância cada vez maior à sua identidade civilizacional. Dois europeus – um alemão e um francês -, interagindo um com o outro, identificarão um ao outro como alemão e francês. Dois europeus – um alemão e um francês -, interagindo com dois árabes - um saudita e um egípcio -, se definirão como europeus e árabes. (HUNTINGTON, 1997, p.80).

Também é possível observar na obra de Huntington (1997) que a influência do Ocidente está cada vez menor, as civilizações da Ásia aumentaram o poder econômico, militar e político, e o Islã com um crescimento demográfico de modo exponencial. Esses fatores levam o autor a acreditar em uma reafirmação de valores e culturas das civilizações “não-ocidentais”.

Uma nova ordem mundial baseada nas civilizações traria, assim, as seguintes consequências: as sociedades que partilham valores culturais em comum cooperam umas com as outras, um grupo social que se vê obrigado a deixar seu país (situação de refugiados, por exemplo) dificilmente buscaria acolhimento em uma civilização que não compartilha de uma mesma cultura e, caso tenha que ir à uma civilização diferente, os representantes dessa civilização estrangeira não conseguiria evitar o comportamento de buscar pelos seus semelhantes dentro da cultura hospedeira, um fenômeno observado na Europa e nos Estados Unidos por meio da “guetização” de grupos étnicos.

O Ocidente e a pretensão de influenciar as outras civilizações podem gerar conflitos, em especial com as civilizações do Islã e da China, se tratando de um nível global. Em nível local, ocorrem guerras nas linhas de fratura, ou seja, nos “pontos de contato” entre diferentes civilizações. Essas linhas podem ser vistas como “áreas fronteiriças”, no sentido de estabelecerem zonas de contato cultural, marcadas pela interação entre civilizações diferentes umas das outras, ou seja, as guerras nessas regiões podem gerar uma escalada mais ampla e mais violenta do conflito, como pode-se observar, ainda segundo o autor, em diversas relações entre muçulmanos e não-muçulmanos, envolvendo guerras entre clãs, tribos, grupos étnicos e comunidades religiosas, formas de identidade não necessariamente ligadas à questões políticas ou ideológicas. É nesse sentido que o autor recomenda: “[e]vitar uma guerra global das civilizações depende de os líderes mundiais aceitarem a natureza multicivilizacional da política mundial e cooperarem para mantê-la” (HUNTINGTON, 1997, p.19).

Huntington elenca ainda as questões clássicas das causas de um conflito na política internacional:

- 1-Influência relativa sobre a forma de acontecimentos mundiais e as ações das organizações internacionais mundiais, como a ONU, o FMI, o Banco Mundial;
- 2-Poder militar relativo, que se manifesta nas controvérsias a respeito de não-proliferação e controle de armamento e nas corridas armamentista;
- 3-Poder econômico e bem-estar, que se manifestam em disputas a respeito, de comércio internacional, investimentos e outras questões;
- 4-Pessoas, envolvendo esforços de um Estado de uma civilização para proteger as pessoas afins em outra civilização ou para excluir de seu território pessoas de outra civilização;
- 5-Valores e cultura, em torno dos quais surgem conflitos quando um Estado tenta promover ou impor seus valores às pessoas de outra civilização;
- 6-Ocasionalmente, território, quando Estados-núcleo se tornam participantes da linha de frente em conflitos de linha de fratura. (HUNTINGTON, S. 1997, p.260).

Essas questões resultaram em conflitos ao longo de toda a história das relações internacionais. Porém, quando envolvem Estados de civilizações diferentes, os conflitos se intensificam. Muitas vezes, questões econômicas ou territoriais que poderiam ser resolvidas de maneira mais objetiva, são travadas por meio de barreiras culturais, tornando as negociações mais complexas e antagônicas.

### **O contexto do fim da Guerra Fria e seu impacto na geopolítica mundial**

Com o fim da Guerra Fria entre o final da década de 1980 e o início dos anos 1990 e a implosão ex-União Soviética, os Estados Unidos, por mais que gozasse de uma situação hegemônica no palco da política internacional, passou a dividi-lo cada vez mais com Estados historicamente periféricos e não alinhados ao ocidente. Para Huntington esse período ficou definido não mais como bipolar, mas multipolar, pois o mundo não estava mais sob a dominância de duas ideologias.

É a partir desse recorte histórico que se pode falar, então, de uma “nova ordem mundial”, articulada em torno dos países que se destacam economicamente em suas regiões, a exemplo dos Estados Unidos na região das Américas, da Alemanha na Europa e do Japão e da China na Ásia. Tais desenvolvimentos tiveram consequências diretas na tradicional dicotomia que marcou o conceito de poder nas relações internacionais do século XX (*hard power vs. soft power*).

Se nos séculos XVII e XVIII o tamanho da população era um recurso decisivo do poder, no século XIX era a indústria e, finalmente, no século XX, além da indústria, o poder



nuclear. Já, hoje em dia, o poder tem-se afastado da tradicional ênfase na força militar. E isso ocorre, basicamente, por três motivos. Primeiro, porque o poder nuclear revelou-se tão destrutivo quanto o alto custo de empregar tal arma, que, apenas em circunstâncias extremas, se cogitaria utilizar. Em segundo lugar, há um contínuo crescimento de movimentos nacionalistas, especialmente depois do colapso do império soviético. Em terceiro, há uma profunda mudança social no interior das grandes potências, refletida no desejo do bem-estar acima da glória da vitória em guerras. (SARFATI, 2005, p.216).

Huntington descreve a política internacional do período pós-Guerra-Fria como um período marcado pela gradativa substituição do tradicional conceito de balanço (ou equilíbrio) de poder pelo o que chama de “síndrome de parentesco”. Segundo esse paradigma, conforme os Estados de uma civilização entram em guerra com civilizações distintas, as coalizões se formam naturalmente a partir do grau de “semelhança” entre os Estados pertencentes à mesma civilização, tornando possível uma aliança em prol do combate ao inimigo em comum.

O Ocidente tem se encontrado na posição de maior influência política, econômica e cultural no cenário geopolítico mundial. Nesse sentido, é natural que as lideranças de países de outras civilizações tentem, como afirma Gilberto Sarfati, perseguir uma estratégia *bandwagon*<sup>15</sup> em relação ao Ocidente, como faz a Turquia ao tentar entrar na UE, por exemplo, e o México, quando persegue uma aproximação cada vez maior dos Estados Unidos por meio de tratados e processos de integração regional (SARFATI, 2005).

### **Huntington e seus críticos**

A recepção acadêmica das teses de Huntington tem sido marcada pelo antagonismo: pontualmente aclamado por realistas estadunidenses na virada do século XX para o XXI e muito criticado e questionado por amplos setores da ciência política institucionalizada. Dentre os seus principais críticos, está o intelectual palestino, crítico literário e ativista político e social Edward Said. Radicado nos EUA, Said é autor de vários livros, entre eles os paradigmáticos *Orientalismo* (1978), *Cultura e Imperialismo* (2011) e a autobiografia *Out of Place* (2000).

Said utiliza o termo “ideólogo” para definir o autor estadunidense: “alguém que quer transformar ‘civilizações’ e ‘identidades’ em algo que elas não são” (SAID, 2001, p.2). Naturalmente, Said não se limita a qualificar pejorativamente Huntington, apresentando uma série de contra-argumentos às ideias do autor estadunidense.

---

<sup>15</sup> *Bandwagon*: Situação na qual os Estados aderem a um Estado líder. Quando há um Estado como líder mundial ou regional, os Estados mais fracos tendem a se alinhar em relação ao país potência, em vez de balancear o poder com esse país. (SARFATI, 2005, p. 365).

Para Said as definições de Huntington quanto às civilizações e como elas estão divididas são equivocadas e pretensiosas. O palestino acredita que Civilização é algo muito mais dinâmico e plural.

O fato de que a disputa principal, na maioria das culturas modernas, diz respeito à definição ou interpretação de cada cultura, e com a possibilidade pouco atraente de que, quando alguém se atreve a falar em nome de uma religião ou civilização inteira, seu discurso fatalmente conterà demagogia e ignorância, pura e simples. Não — para eles, Ocidente é Ocidente, islã é islã. O desafio que os políticos ocidentais têm pela frente, diz Huntington, consiste em garantir que o Ocidente se fortaleça cada vez mais e afaste todos os outros, em especial o islã. (SAID, 2001, p.2).

A grande crítica de Said em relação a tese de Huntington está relacionada ao absoluto abuso de generalização por parte das nomenclaturas de Huntington para classificar as civilizações. Para o autor palestino, o discurso de Huntington coloca as civilizações como entidades absolutas e elimina suas especificidades e pluralidades, componentes fundamentais e nem sempre harmônicas dentro de cada cultura.

O autor ironiza, dizendo ainda que o livro *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial* contém argumentos “com um pouco mais de sutileza e mais notas de rodapé” (SAID, 2001), e complementa: “o que conseguiu foi confundir a si próprio e mostrar a todos o quão desajeitado é como escritor, e deselegante como pensador” (SAID, 2001).

Outro crítico das ideias de Huntington em relação ao *Choque de Civilizações*, é o cientista político e economista americano Richard Rosecrance. Esse autor argumenta que os conflitos podem ocorrer tanto dentro de uma mesma civilização quanto entre diferentes civilizações: “[o] cristianismo foi dividido pelos campos protestantes e católicos e permanece até hoje. O budismo é dificilmente uma religião unificada. No Islã sunitas e xiitas disputam por influência” (ROSECRANCE, 1998, p.979).

O economista complementa dizendo que o poder não está somente atrelado ao Estado e sua civilização. O “choque de civilizações” poderia ser, assim, superado pelo poder econômico, que é (segundo o autor) algo mais influente que o poder militar em si.

Se as diferenças culturais em uma mesma civilização são tão poderosas, as forças que os unem militarmente e economicamente também são. No leste da Ásia, os membros da ASEAN são budistas, cristãos e muçulmanos. Os benefícios econômicos parecem transcender os limites culturais. A OCDE e o G-8 englobam diversas culturas. (ROSECRANCE, 1998, p.979).

Rosecrance conclui seu pensamento dizendo que os conflitos e guerras não se dão por conta das diferenças civilizacionais, argumentando que houve e haverá inúmeros conflitos

dentro de uma mesma civilização. Colocando a Europa (civilização Ocidental) como o grande exemplo de desavenças internas. A economia e o poder militar exercem papéis mais influentes nos assuntos relacionados à guerra e a paz do que as diferenças civilizacionais. Segundo essa interpretação, as diferenças entre as civilizações poderiam ser “diluídas” por conta da própria diversidade cultural que cada uma possui. Em síntese, Rosecrance discorda frontalmente de Huntington quando esse entende que as diferenças religiosas, linguísticas e étnicas são determinantes para que haja um conflito social, doméstico e internacional (ROSECRANCE, 1998).

### **O conflito Israel x Palestina: aspectos descritivos e analíticos**

O conflito entre Israel e Palestina se dá desde a criação do Estado de Israel na década de 1940. A ideia da criação de um Estado judeu começa anos antes, no final do século XIX, com o movimento político identificado como sionismo. O grande responsável pelo movimento foi o jornalista húngaro, Theodor Herzl (HERZL, 1896). Sob o contexto de um crescente antissemitismo na Europa, Herzl escreve sua obra *O Estado Judeu (Der Judenstaat, 1896)*, na qual o jornalista defende a criação de um Estado nacional judaico como a única solução para os judeus serem aceitos no mundo. A região proposta pelo autor seria a Palestina, que na religião judaica corresponde à terra prometida por Deus: Canaã.

O movimento foi bem aceito na comunidade judaica e no ano de 1897, foi organizado o primeiro Congresso Sionista Mundial, em Basileia (Suíça), onde foram debatidas possíveis questões que viabilizariam o processo de fundação do Estado judeu na Palestina.

Inevitavelmente, o sionismo ganhou força e o povo judeu foi imigrando para o território à medida que o antissemitismo crescia. Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de judeus foram mortos, genocídio que ficou conhecido como holocausto. Com o fim da guerra, os aliados, vencedores do conflito, viram a necessidade de criação de um Estado judeu. No início de 1947 a Palestina era de domínio colonial inglês, e os ingleses abriram mão do território e a disputa entre judeus e palestinos estava sob o julgo da Organização das Nações Unidas.

A recomendação da ONU era a Repartição da Palestina, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, através da Resolução 181, de 29 de novembro de 1947, onde a proposta seria a de repartição do território em dois Estados: um judeu e um árabe. A área de domínio judeu correspondia a 53,5% do território e a de dominância árabe 45,4% das terras, e o restante corresponderia a Jerusalém que estaria sob controle internacional. Essa divisão

favoreceu o povo judeu, pois eram a minoria e ficariam com a maior parte do território, enquanto que o povo árabe, sendo maioria, quase o três vezes maior, ficaria com a menor parcela das terras (POLITIZE, 2018). As autoridades árabes alegaram que ficaram com as terras menos férteis e com acesso limitado à água potável.

No ano seguinte à aprovação da proposta, que obviamente foi aceita pelos judeus e rejeitada pelos árabes, em 14 de maio de 1948, o Estado de Israel foi fundado. O que acabou culminando em uma série de conflitos e disputas territoriais.

Na perspectiva de Huntington, o conflito Israel x Palestina possuiria uma característica de guerra nas “linhas de fratura”, que o autor classifica como conflitos que ocorrem nos “pontos de contato” entre diferentes civilizações. Essas linhas podem ser vistas como “áreas fronteiriças”, no sentido de estabelecerem zonas de contato cultural, marcadas pela interação entre civilizações diferentes umas das outras (HUNTINGTON, 1997).

As guerras de linha de fratura possuem conflitos de caráter violento e mais duradouro. Podendo ocorrer entre Estados, entre grupos não governamentais e entre Estados e grupos não governamentais.

Os conflitos de linha de fratura no seio de um mesmo Estado podem envolver grupos que estão predominantemente localizados em áreas geográficas distintas, caso em que o grupo que não detém o controle do governo normalmente luta pela independência e pode ou não estar disposto a aceitar uma solução por algo menos do que ela. Os conflitos no seio de um Estado podem também envolver grupos que estão entremeados geograficamente, caso em que as relações continuamente tensas irrompem em violência de tempos em tempos, como se dá com os hindus e os muçulmanos na Índia e com os muçulmanos e os chineses na Malásia; ou então podem ocorrer lutas em larga escala, especialmente quando estão sendo estabelecidos novos Estados e suas fronteiras, podendo resultar em tentativas, muitas vezes brutais, de se separar povos pela força. (HUNTINGTON, 1997, p.320,321).

Huntington reforça dizendo que o objetivo de pelo menos um dos atores dentro do conflito de linha de fratura, é o controle e a conquista do território, expulsando as pessoas pertencentes à outra civilização ou grupo étnico, ou até mesmo matando essas pessoas, o que o próprio autor denomina “limpeza étnica” (HUNTINGTON, 1997).

Esse território passa a ser para um ou para ambos os lados um local de grande significância para a história de cada povo ali situado, no contexto do conflito Israel x Palestina, Jerusalém é o lugar sagrado para ambas as culturas, judaica e árabe.

Para os palestinos, as mesquitas do Domo da Rocha e Al Aqsa, situadas em Jerusalém, são de grande importância histórica, sendo o terceiro lugar mais sagrado do Islamismo, depois das cidades sauditas de Meca e Medina. A história conta que o profeta Maomé, viajou do local da Mesquita Sagrada (Meca) para a mesquita mais distante. *Al aqsa*, do árabe, quer dizer: mais

longe. A partir desse ponto “mais distante”, o profeta Maomé subiu aos céus em uma escada milagrosa.

Para os judeus, a cidade foi conquistada pelo rei Davi, tornando-se a capital de seu império. Mais tarde, o rei Salomão (filho de Davi) por volta dos anos 950 a.C., construiu um templo sagrado, onde seria guardado a Arca da Aliança, onde estariam as tábuas dos Dez mandamentos, esse objeto era de extrema importância para a religião judaica.

Por sua vez, os cristãos acreditam que Jerusalém foi onde Jesus realizou diversos milagres e também foi traído, preso, crucificado e voltou dos mortos. Seria o local onde acredita-se que Jesus foi sepultado e ressuscitou.

Huntington coloca a religião como a característica e o aspecto mais marcante de uma civilização e por conta disso as guerras de linha de fratura são majoritariamente entre povos de diferentes religiões. A disputa travada entre Israel e Palestina já perdura por muitos anos, algo que Huntington também menciona em sua obra dizendo que esse tipo de conflito tende a ser mais violento e em média duram seis vezes mais do que as guerras entre Estados (HUNTINGTON, 1997). Por envolver certa identidade cultural e disputa por poder, as soluções para o conflito são mais complexas e difíceis resolver apenas com negociações. Quando chegam a um acordo, por diversas vezes não são assinados por todas as partes de cada lado e não costumam durar muito tempo (HUNTINGTON, 1997).

Dessa forma, pode-se observar que a perspectiva de Huntington se encontra nitidamente vulnerável quando confrontada com as hipóteses desenvolvidas por Said na obra *Orientalismo* (1978), na qual o segundo autor desenvolve o argumento de que a ideia conjurada nos meios acadêmicos ocidentais acerca do conceito de “oriente” seria fundamentalmente construída a partir de uma ótica reducionista, essencialmente binária (quer dizer, organizada dentro da lógica do “nós” vs. “eles”) e que compartimentaliza culturas radicalmente plurais em categorias monolíticas, temporalmente estáticas e grosseiramente condensadas. Sob esse prisma, a obra de Huntington se mostra radicalmente marcada por uma visão “ocidentalista”, algo que Said se opõe pelo fato de a mesma não descrever as civilizações a partir de seus conjuntos dinâmicos de interações espaço-temporais (migratórias, midiáticas, sociais, políticas, etc.) e pelo fato de Huntington dirigir o grosso de suas considerações às civilizações do Oriente Médio, em especial as de origem Islâmica (SAID, 2003). O próximo tópico abordará a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, enfatizando a questão Ocidente e Islã que é um importante tópico na obra de Samuel Huntington.

## O conflito EUA x Iraque

A guerra entre os Estados Unidos e o Iraque foi motivada, ou ao menos justificada pela presidência estadunidense da época (George W. Bush filho), pela suspeita da existência de armas de destruição em massa que pertenceriam ao regime de Saddam Hussein. Durante a década de 1980, Irã e Iraque travaram uma guerra onde cerca de 2 milhões de pessoas morreram. O governo iraquiano, que era comandado pelo presidente Saddam Hussein, recebeu apoio de forças ocidentais que tinham o interesse de enfraquecer o regime iraniano, que em 1979, através de uma revolução, tornou-se uma república islâmica xiita (BBC, 2021).

Saddam Hussein, assume a presidência do Iraque no mesmo ano e em 1980 inicia a invasão ao país vizinho, dando início ao conflito que duraria por mais oito anos. O presidente iraquiano representava interesses tanto do Ocidente quanto dos regimes árabes sunitas, que temiam uma crescente xiita iraniana após sua revolução (BBC, 2021).

A guerra entre Irã e Iraque não houve um vencedor e as condições econômicas e sociais do Iraque estavam precárias. Saddam Hussein perdeu o apoio de outras autoridades árabes devido ao alto custo econômico e de vidas que o conflito causou. Isso gerou uma disputa pelo preço do petróleo e Saddam Hussein se viu na posição de invadir o Kuwait, em 1990 (BBC, 2021).

Após invadir o Kuwait, o Ocidente deixou de apoiar o Iraque, tornando-se inimigo da comunidade internacional. No ano de 1991, as tropas iraquianas foram expulsas do território do Kuwait em uma operação liderada pelo governo estadunidense (BBC, 2021).

O líder iraquiano havia desenvolvido e utilizado, anteriormente, armas químicas como gases sarin e mostarda contra cidadãos iraquianos xiitas e curdos. E durante a década de 1990, a comunidade internacional pressionava o regime de Saddam para que houvesse uma verificação de seu arsenal (BBC, 2021).

Mesmo após anos de pressão política e sanções econômicas, existia a dúvida quanto à veracidade da existência de um arsenal de armas de destruição em massa. Com o atentado de 11 de setembro de 2001, o governo dos Estados Unidos acreditava que essas armas poderiam ser utilizadas não somente pelo Iraque, mas também por grupos extremistas como a Al Qaeda. Saddam Hussein negava a existência das armas e seu regime iraquiano era inimigo de grupos militantes islâmicos como o de Osama Bin Laden (BBC, 2021).

Em 22 de novembro, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a resolução 1441, que elevava a pressão sobre Saddam Hussein. A medida dizia que o Iraque não havia "fornecido uma revelação precisa, total, final e completa" de todos os seus

"programas para desenvolver armas de destruição em massa e mísseis balísticos" de grande alcance. Afirmava ainda que o Iraque continuava em "violação material" de suas responsabilidades, exigia que Bagdá desse acesso total aos inspetores da ONU e falava em "graves consequências" caso o país continuasse violando suas obrigações. Estados Unidos e Reino Unido tentaram compor uma coalizão internacional ampla, como a que participava, desde 2001, da guerra no Afeganistão contra o Taliban. Essa aliança seria feita em torno de uma nova resolução do Conselho de Segurança que autorizaria uma ofensiva militar contra o Iraque (BBC, 2021, p.5).

Em janeiro de 2003, Hans Blix, chefe da agência da ONU responsável pela inspeção no Iraque, dizia que o país estava colaborando com o trabalho dos inspetores. A busca por indícios de armas de destruição em massa começou após a resolução 1441. Sem obter sucesso, Blix argumentava que precisaria de mais tempo para uma inspeção mais concreta, enquanto os Estados Unidos e o Reino Unido já se preparavam para a invasão do Iraque com os militares posicionados na região. Em 19 de março de 2003, o presidente Bush anunciou por mensagem na televisão, que as forças estadunidenses haviam começado o bombardeio contra o Iraque (BBC, 2021).

A invasão é questionada até hoje, pois as supostas armas de destruição em massa não foram encontradas. Uma guerra que poderia ser evitada, tornou-se um dos conflitos mais marcantes e mortais da história recente.

No dia 18 de dezembro de 2011, veio o esperado momento. Quase nove anos depois da invasão liderada pelos Estados Unidos, a agência Reuters noticiava: "Últimas tropas dos EUA deixam o Iraque, terminando a guerra". Apenas cerca de 150 soldados americanos ficaram no país, em funções de treinamento das forças locais. Com um saldo de 120 mil civis iraquianos, 4.431 americanos, 179 britânicos mortos e um país parcialmente destruído, chegava ao fim o conflito cujo maior motivo não existia - e que a Reuters chamou de "a guerra mais impopular desde o Vietnã". O total de vidas perdidas foi estimado em pelo menos 200 mil, e o custo para os cofres americanos em pelo menos US\$ 800 bilhões (BBC, 2021, p.15).

No ponto de vista de Huntington, poder-se-ia argumentar que a civilização Ocidental e a civilização Islâmica são divergentes em muitos aspectos, onde o autor coloca como uma relação tempestuosa que remonta a mais de 1.300 anos, vindo desde o domínio muçulmano no norte da África, durante o século VII, passando pelos conflitos na época das cruzadas, a tomada dos muçulmanos no Continente Europeu nos séculos XIV e XV, os conflitos com os otomanos do século XVII até o princípio do século XX, o colonialismo, os conflitos envolvendo os terroristas palestinos e o nacionalismo árabe no pós-guerra, as guerras árabe-israelenses, a Guerra do Golfo, a Guerra do Afeganistão até a nova Guerra do Iraque (SARFATI, 2005).

Huntington argumenta que as causas do conflito entre o Ocidente e o Islã está atrelada à natureza das duas religiões (cristã e islâmica) que cada civilização possui. O autor coloca o

islamismo como um estilo de vida que transcende e une religião e política, e na concepção cristã ocidental ocorre o oposto. Huntington também menciona as semelhanças entre as duas religiões, como a origem do conflito:

Ambas são religiões monoteístas, que, ao contrário das politeístas, não podem assimilar com facilidade outras divindades e que veem o mundo em termos dualistas, do nós e eles. Ambas são universalistas, afirmando serem a única fé verdadeira à qual devem aderir todos os seres humanos. Ambas são religiões missionárias, acreditando que seus seguidores têm a obrigação de converter os não-crentes a essa única fé verdadeira. Desde suas origens, o Islamismo se expandiu pela conquista e, quando surgiram oportunidades, o mesmo se deu com o Cristianismo. As concepções paralelas de “jihad” e de “cruzada” não só se parecem como distinguem esses dois credos de outras grandes religiões do mundo. O Islamismo e o Cristianismo, junto com o Judaísmo, têm uma visão teleológica da História, em contraste com a visão cíclica ou estática que prevalece nas outras civilizações (HUNTINGTON, 1997, p. 264)

Segundo Huntington, o conflito entre o Islamismo e o Cristianismo houve variações ao longo do tempo, levando em consideração o nível de violência e intensidade, devido ao crescimento ou declínio demográfico, desenvolvimento econômico, mudanças tecnológicas e intensidade de dedicação religiosa (HUNTINGTON, 1997).

Uma combinação comparável de fatores incrementou os conflitos entre o Islã e o Ocidente no final do século XX. Primeiro, o crescimento populacional muçulmano gerou grande quantidade de jovens desempregados e descontentes que se tornam recrutas das causas fundamentalistas islâmicas, exercem pressão sobre sociedades vizinhas e migram para o Ocidente. Segundo, o ressurgimento islâmico deu aos muçulmanos uma confiança renovada no caráter e na qualidade próprios de sua civilização e nos valores comparáveis aos do Ocidente. Terceiro, os esforços simultâneos do Ocidente para universalizar seus valores e instituições, para manter sua superioridade econômica e militar e para intervir nos conflitos do mundo muçulmano geram um intenso ressentimento no meio dos muçulmanos. Quarto, o colapso do comunismo acabou com um inimigo comum do Ocidente e do Islã, deixando cada um como a ameaça percebida do outro. Quinto, os crescentes contatos e entre mescla de muçulmanos e ocidentais estimulam em cada lado uma nova percepção de sua própria identidade e de como ela difere da identidade do outro (HUNTINGTON, 1997, p. 264-265).

De fato, Ocidente e Islã são civilizações muito distintas. No contexto da guerra entre Estados Unidos e Iraque, o fator cultural e histórico foi um grande empecilho nas negociações entre os dois países, uma guerra que poderia ser evitada através da diplomacia. Huntington conclui de forma sintetizada dizendo que o grande problema do Ocidente é o Islã, pelo fato de as pessoas que fazem parte dessa civilização, estão convencidas de que a cultura islâmica é superior e não aceitam a inferioridade de seu poderio. E o grande problema do Islã é o Ocidente, a civilização onde as pessoas estão convencidas da universalidade de sua cultura e da superioridade de seu poder, estendendo essa cultura para o restante das civilizações. Segundo



Huntington esses fatores alimentam a possibilidade de conflito entre Ocidente e Islã (HUNTINGTON, 1997).

### **O “choque de civilizações”: um prisma ainda válido para as Relações Internacionais? Considerações Finais**

Este trabalho buscou analisar e problematizar a teoria de Huntington, agrupando autores que criticam seu pensamento, ora validando suas premissas, ora invalidando as mesmas. O objetivo é oferecer ao próprio estudo os elementos necessários para uma avaliação isenta e não comprometida necessariamente com a validação das premissas de Huntington.

A teoria do *Choque de Civilizações* certamente foi um tema muito importante para as Relações Internacionais. Huntington destaca a relevância do fator cultural para as causas de conflitos no mundo pós-Guerra-Fria. Cada civilização possui os seus costumes, crenças, cosmovisões, entre tantas características que diferenciam uma das outras. Para Huntington, uma civilização, ao entrar em contato com outra, ocorre um choque cultural que pode resultar em conflitos. O fenômeno da globalização encurtou distâncias e permitiu que as civilizações interagissem cada vez mais, fomentando algo que o autor chama de “consciência civilizacional”, sendo esta, um sentimento do indivíduo pertencer à sua civilização.

No entanto, pode-se observar que as definições de Huntington referentes à civilização, de acordo com Said, eliminam componentes essenciais de uma cultura como a pluralidade e especificidade que cada civilização possui. Said acredita que as civilizações podem ser mais dinâmicas e plurais. Huntington propõe sua tese através de uma perspectiva ocidental e que o próprio as considera como universal: “pretende-se universal, mas se mostra etnocêntrico e enviesado. Essa é, afinal, a função dos conceitos em seu texto, respaldar seu argumento sob a égide da verdade universal e das teorias que se pensam paradigmáticas” (SILVA, 2018, p.18).

Essa descrição que Huntington tem do Ocidente referente às civilizações do Oriente, reforça a ideia de *Orientalismo*, elaborada por Said em 1978. Huntington trata a civilização Ocidental de modo que a coloca em outro patamar em relação às demais civilizações, o Ocidente é tido como uma civilização democrática e livre, sendo a única civilização que o autor não utiliza um povo, religião ou área geográfica específica para ser identificada.

Outro ponto de destaque é a globalização e a interdependência dos Estados no mundo. O fator econômico é capaz de eliminar barreiras e criar laços entre países que pertencem a civilizações distintas. Isso pode ser observado nas mais diversas áreas da economia, onde as empresas buscam vantagens competitivas em diversas regiões do globo e não necessariamente

precisam ter uma proximidade civilizacional ou cultural, por exemplo uma fábrica de carros japonesa possui unidades em países como a Tailândia, visando obter maiores benefícios. Em casos como esse, as barreiras culturais são superadas pela necessidade de desenvolvimento econômico de cada país. Segundo Rosecrance, Huntington descarta esse tipo de interação civilizacional. O cientista político acredita que os benefícios econômicos transcendem os limites culturais (ROSECRANCE, 1998).

O artigo destaca dois conflitos específicos para uma análise acerca da teoria do *Choque de Civilizações*. Começando pelo conflito que ocorre entre Israel e Palestina, onde duas civilizações com culturas e religiões divergentes, disputam um território que para ambas é sagrado. Segundo Huntington, conflitos onde diferentes culturas disputam por maior relevância no seio de um Estado, são chamados de Guerras de Linha de Fratura. Essas guerras tendem a ser mais duradouras e com caráter de demasiada violência. Uma solução para esse tipo de conflito normalmente não se daria através de simples negociações, sendo algo muito mais complexo e problemático. Huntington apresenta este conceito trazendo argumentos que podem ser levados em consideração de acordo com o ponto de vista do leitor. As diferenças culturais dentro de conflitos de “linha de fratura” certamente se destacam das demais, um exemplo disso está na dificuldade de Israel e Palestina chegarem à um acordo que acabe com a guerra, e se não houvesse uma pressão internacional, os dois países dificilmente trabalhariam a hipótese de solução para o conflito.

A respeito do conflito entre Estados Unidos e Iraque (civilização Ocidental e Islâmica, representadas respectivamente), Huntington traz afirmações mais incisivas e etnocêntricas quando faz menções à civilização Islâmica. Essa visão de o Islã ser uma ameaça ao Ocidente é mencionada na obra de Huntington, o autor coloca a crescente antiocidentalização dos muçulmanos em paralelo com a “ameaça islâmica”, vinda de um extremismo religioso. Para o Ocidente, o Islã é visto tanto por parte do povo como pelos líderes ocidentais, como fonte de proliferação nuclear, terrorismo e, na Europa, imigrantes indesejados.

Quando os Estados Unidos invadem o Iraque, a motivação principal era a busca por armas de destruição em massa que supostamente estariam em posse do governo iraquiano, isso demonstra como o Ocidente sente a chamada “ameaça islâmica”. Após anos de guerra os Estados Unidos admitiram que não encontraram as supostas armas de destruição em massa e retiraram as tropas do Iraque, deixando um país destruído. São acontecimentos como esse reforçam o sentimento de antiocidentalização de países islâmicos e mostram como o Ocidente tenta impor valores de democracia, liberdade e cultura nas civilizações não-ocidentais.

Huntington é um autor que se mostrou muito polêmico e trouxe a teoria do *Choque de Civilizações* para o debate. Em muitos pontos, os argumentos são convincentes e merecem devido destaque no meio acadêmico, mas como todas as teorias, os questionamentos e contra-argumentos são inevitáveis e necessários para uma evolução nos estudos. Sendo assim, Huntington articula muito bem a importância do fator cultural presente nos conflitos, mas mostra-se etnocêntrico ao descrever essas culturas.

## Referências Bibliográficas

AYSHA, Emad E. Samuel Huntington and the Geopolitics of American Identity: The Function of Foreign Policy in America's Domestic Clash of Civilization. **International Studies Perspectives**, Oxford, 2003.

BBC, 21 histórias que marcaram o século 21. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351024> > Acesso em: 27 mai. 2022.

DIAS, Tatiana S. de A. **O choque de Civilizações na Política Internacional Contemporânea**. Dissertação (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

HERZL, Theodor. **Der Judenstaat**, Viena, 1896.

HUNTINGTON, S. **O Choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HUNTINGTON Samuel P. *The Clash of Civilizations?* **Foreign Affairs**, 1993.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy** *The New York Times*, New York, 1995.

NYE, J. S. **The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone**. Nova York: Oxford University Press, Inc., 2002

MUNHOZ, Sidnei J. A crise do sistema soviético e o fim da Guerra Fria. **Revista Esboços**, Florianópolis, 2017.

POLITIZE. Israel-Palestina: da Resolução 181 da ONU ao início dos anos 90. **POLITIZE**, 2018. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/conflicto-israel-palestina/> > Acesso em: 21 mai. 2022.

ROSECRANCE, Richard. The Clash of Civilizations and the remaking of world order. By Samuel P. Huntington. In: **The American political Science Review**, 1998.

SAID, Edward. Choque de Ignorâncias. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, out. 2001. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1710200128.htm> >. Acesso em: 01 dez. 2021.

SAID, Edward. **Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SARFATI, G. **Teoria de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SILVA, Camila. de J. R. **O choque de conceitos: Um debate entre Samuel Huntington e Edward Said no pós-guerra fria**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.